



Curadoria de artista e a arte na internet¹

Elaine Athayde Alves Tedesco²

Marina Bortoluz Polidoro³

Resumo expandido

Nosso objetivo é, como artistas-professoras, refletir sobre curadorias *on-line* realizadas em projetos de extensão cujos caracteres experimental e crítico são premissas de atuação diante da realidade de sucateamento da universidade pública, bem como dos aparatos artísticos e culturais. As bases teóricas são os conceitos: o artista como curador de Lucas Bambozzi, pós-digital e pós-internet por Domenico Quaranta e o sistema de exposições *on-line* analisado por Pedro Manuel da Veiga.

Este texto relata a realização de duas curadorias desenvolvidas em parceria pelas autoras, no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como Pavilhão *on-line*, em edições da “The Wrong Biennale”. Aspectos que surgiram durante a elaboração da exposição provocaram as seguintes reflexões: iniciamos retomando o contexto, tanto para especificar de onde falamos quanto por que o momento de desalento com o negacionismo governamental diante da pandemia de Covid-19 em que vivíamos foi determinante para as decisões curatoriais, seu conceito e poética. Em seguida, compartilhamos o processo de o processo de trabalho na criação da curadoria e produção da primeira exposição “Os dias em que as corujas caíram do céu”.. No momento da escrita deste texto, acabávamos de lançar a

¹ Trabalho apresentado no eixo 1. Arte, Ciência e Tecnologia: tecnologias emergentes e fluxos de informação do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 04 a 07 de dezembro de 2023.

² Doutora em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elaine.tedesco@ufrgs.br

³ Doutora em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, marina.polidoro@ufrgs.br

exposição "Não te fies: a vida como (não) a conhecemos", de modo que a seção final do texto completo é marcada por ela. A experiência prática aponta caminhos para reflexão: a curadoria de artista e a *internet art* em contexto pós-digital e pós-internet.

O Laboratório de Imagem e Tecnologia (LIT-UFRGS) desenvolve pesquisa e extensão nas áreas de arte, tecnologia e *design*. As ações acontecem pela colaboração entre docentes e discentes do curso de Artes Visuais da UFRGS, formato que favorece a reflexão transdisciplinar e potencializa a interação com a comunidade. As ações do LIT constituem-se em importante espaço para produção artística de experimentação com a tecnologia, assim como para a divulgação e reflexão das interpenetrações entre os meios digitais na estruturação do sensível.

A plataforma Verter é uma das ações do LIT. Em 2019, ela foi planejada e executada pelas pesquisadoras e estudantes do Grupo de Estudos e Práticas em Artemídia (UFRGS). Desde o início, a Verter busca exibir trabalhos que “possuem múltiplas formas, como ambientes navegáveis, programas executáveis, formas alteráveis, e podem até incluir uma possibilidade de entrada de dados ou de transformação do material artístico inicial” (POLIDORO *et al.*, 2021, p. 316). O entrelaçamento do fazer artístico em suas poéticas com meios diversos e o ambiente digital tem sido o foco de curadorias de mostras de cunho transdisciplinar com o objetivo não de compreender a totalidade dos fenômenos realizados e em cruzamento, mas da articulação entre os campos (MORIN, 2007).

É importante pontuar que as pesquisadoras do LIT e da Verter são artistas-professoras que produzem no ambiente da universidade e organizam situações que visam ao envolvimento dos estudantes, da graduação à pós-graduação, com a comunidade. De algum modo, procura-se “construir um espaço de pesquisa em artes, na universidade, que mantenha em aberto os canais com o circuito de arte: há escassez de conexões preparadas para conduzir as ligações entre um e outro setor, com a flexibilidade necessária [...]” (BASBAUM, 2006,

p. 74). Dezesete anos após essa colocação do artista, ainda vivenciamos fluxos interrompidos e certos isolamentos nas inter-relações da universidade e o circuito da arte.

Sobre a posição do artista como curador, Bambozzi fez importante reflexão em um artigo, no qual identifica dois tipos de curadores: “os que viabilizam exposições para si próprios e os que promovem acesso a outros artistas, funcionando como agentes de uma distribuição de oportunidades.” (BAMBOZZI, 2019, p. 7). As curadorias realizadas na plataforma Verter estão entre as do segundo tipo, e este é o caso que trataremos neste relato.

Recentemente, sofremos durante a pandemia de Covid-19: as pessoas precisaram viver em isolamento e, assim como a vida em todos os aspectos, as ações na universidade e os eventos culturais mudaram. A avalanche de atividades híbridas transformou e transtornou as formas de vida no planeta, afetando a todos. Pedro Alves da Veiga nos diz que: “Estes ecossistemas ganharam ainda um relevo acrescido nos tempos da pandemia do Covid 19, com a migração em massa para os suportes digitais de distribuição (o que não é o mesmo que assumir que a criação artística se tornou mais digital)” (VEIGA, 2021, p. 32).

Camila Schenkel destaca um aspecto fundamental ocorrido nas relações entre artistas, suas obras e os espaços institucionais: “Saem de cena os vernissages, mas entra em ação uma intensa produção de conteúdo [...] É possível participar de encontros on-line com artistas, curadores e galeristas de toda parte do mundo, acessar espaços distantes por meio de tours virtuais” (SCHENKEL, 2020, p. 2). Não raro foi ver galeristas apoiados em seus artistas de maior visibilidade nas redes, os assessores de conteúdo passaram a ser muito requisitados.

Em decadência e letargia, nessa conjuntura, tornamo-nos completamente dependentes da interação digital, dos seus dispositivos, ambientes, sistemas, redes, algoritmos. Dia após dia, desejávamos mais conforto e oferecíamos-nos às mais diversas formas de controle. Quando a pandemia arrefeceu e retornamos aos nossos laboratórios, a defasagem

tecnológica acentuou-se ainda mais. Fez-se, então, imperativo repensar as nossas formas de trabalho e buscar soluções.

Em 2021, com as vacinas, nossa universidade parecia querer retomar seu funcionamento – do ensino remoto emergencial para as atividades híbridas. Em uma das atividades *on-line* daquele ano, encontramos o quarto edital da “The Wrong Biennale”. Uma das autoras deste estudo já havia participado e ponderamos sobre investir em uma curadoria convidando artistas e artistas-professores de outras instituições. Responder a essa chamada foi uma maneira de retomar desejos: de continuar fazendo arte apesar das circunstâncias e de ativar e ampliar a rede de artistas-pesquisadores para criar e refletir juntos.

Com a ideia de abordar as perturbações do momento presente, compartilhamos as leituras que estávamos fazendo e que poderiam embasar o entendimento das nossas intuições. Da aproximação dessas anotações, começamos a produzir um texto, cujo formato se aproxima do ensaio: no sentido de escrita livre, que transita entre o saber organizado e a imaginação, mantém uma dimensão lúdica e de descoberta enquanto está ancorado em "um tempo e para um contexto cultural concreto e determinado" (LARROSA, 2003, p. 111).

É durante a escrita desse texto que o título da exposição é encontrado. Outro movimento provocado pela pandemia foi reler livros de ficção científica, especialmente distopias. Do livro "Androides sonham com ovelhas elétricas?", de Philip K. Dick, retiramos expressões que nos provocavam imagens estranhas e fantásticas. Entre elas estavam: "os dias em que as corujas caíram do céu". A ideia de que fosse possível referir-se a dias surpreendentes que se teriam tornado um marco pareceu pertinente ao momento. Retomando o trecho completo, "lido no contexto da pandemia de Covid-19, ensejou-nos a uma relação com as contagens diárias dos contaminados e mortos em decorrência da doença, além da catástrofe ambiental que completa o contexto atual" (POLIDORO; TEDESCO, 2022, p. 13).

Diante do texto como ensaio, como partir para a etapa seguinte? Escolher obras ou artistas? Um e outro ao mesmo tempo? Esse é um ponto de partida fundamental que implica em toda a sequência e no perfil de qualquer mostra. Em 2020, a convite da Galeria A SALA, do Centro de Artes da UFPEL, realizamos a mostra de videoarte “555” *on-line*. Naquela ocasião, estruturamos a curadoria como rede, com nós desenhados por professores de cinco cursos de Artes Visuais, membros do grupo de pesquisa Audiovisual sem Destino.

Desta vez, estendemos o princípio do ensaio adotado para o texto. Havia um caráter político que queríamos abarcar, com a compreensão da curadoria como “prática criativa e crítica, mas também como uma prática totalmente política” (KRYSA, 2006, p. 10). Por isso, rememoramos trabalhos que afirmam posições dos artistas sobre a atualidade: sobre os meios de produção da própria obra, a internet, a crítica sobre a imagem, sobre a política, a invisibilidade lésbica, os efeitos, as regras, o uso dos recursos, o tempo e a sua falta.

Ao longo de dois meses, a equipe do LIT, formada pela curadoria e dois bolsistas, trabalhou com os artistas fazendo mais do que uma assessoria técnica, pois existem soluções que não são apenas formais. E, como de costume, na plataforma Verter, esta seria uma exposição de caráter relacional que implicaria os visitantes, não seria uma sala de simulação do cubo branco. Para nós, a produção dos trabalhos é, também, o *design* da página em que serão instalados, por isso focalizamos o processo e a colaboração com os artistas. Queríamos, desse modo, possibilitar a criação de contextos e a recontextualização no ambiente *on-line* (KRYSA, 2006, p.17). A intenção era respeitar o que é específico de cada obra, assim, explorando as características próprias do meio digital e ainda propor relações entre elas.

Explorar as possibilidades da internet com autonomia criativa foi a motivação inicial que nos levou à opção de fazer o *site*, escrevendo as páginas HTML ao invés de adotar alguma das populares plataformas de publicação e gerenciamento de *sites* (CMS). Ainda que mais trabalhosa, do ponto de vista técnico, é a única forma de termos controle sobre o *design*,

permitindo realizar projetos que fujam dos padrões dos *templates*. Vale ressaltar que isso é possível pela comunidade que compartilha códigos e tutoriais na rede e por uma característica dos navegadores que permite o acesso aos códigos das páginas.

“Os dias em que as corujas caíram do céu” inicia sugerindo distanciamento da tela, mas diante dela. Os cinco primeiros trabalhos falam de um contexto de tensões sobre a natureza e a tecnologia, as políticas de controle e subserviência. A mostra segue com um bloco de quatro artistas que tratam da identidade, do direito à própria imagem, da invenção de si e das estratégias de desidentificação para escapar ao controle da sociedade altamente controlada em que vivemos. Encerra abrindo espaço à interação com obras lúdicas e lacônicas.

Se por um lado, para escolher a sequência das obras, imaginamos esse percurso, por outro, bem sabemos que muitos “aprenderam a desfrutar do seu computador como o lugar de uma experiência artística legítima, direta e autêntica” (QUARANTA, 2010, p. 4) e vivem uma estranha mistura de intimidade e espaço público – está na sua tela e está acessível a todos. Assim não há sequenciamento narrativo preestabelecido ou mediação que se sobreponha à autonomia do visitante. A exposição retoma a internet como labirinto, e não como *timeline* infinita e linear.

Palavras-chave

Artista-professor; curadoria; *internet art*; pós-digital.

Referências

BAMBOZZI, Lucas. Da curadoria de artista a alguma outra coisa. **DAT Journal**. v. 4, n. 2, 2019.



Disponível em: <https://datjournal.emnuvens.com.br > dat > article > download > 125 > 104>. Acesso em: 7 out. 2023.

BASBAUM, Ricardo. O artista como pesquisador. **Revista Concinnitas**, v. 1. n. 9, 70-76, 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/55268>. Acesso em: 7 out. 2023.

EGGER, Benjamin; ACKERMANN, Judith. Meta-curating on-line exhibitions questioning curatorial practices in the postdigital age. **International Journal for Digital Art History**, n. 5, p. 3.18-3.35, Jul., 2020. <https://doi.org/10.11588/dah.2020.5.72123>. Acesso em: 7 out. 2023.

KRYSA, Joasia. **Curating Immateriality**: the work of the curator in the age of network systems. Data Browser series. Brooklyn, N.Y.: Autonomedia, 2006.

LARROSA, J. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 7 out. 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. UNESCO.

POLIDORO, M.; BOCHIO, A.; RUPP, B.; GAUDIN, P. Plataforma Verter: relato de experiência com internet art. **Anais do V Congresso de Extensão da AUGM**. Universidade e sociedade conectadas para o desenvolvimento regional sustentável. Santa Maria, RS: UFSM, AUGM, p. 315-319, 2021, Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/237181>. Acesso em: 7 out. 2023.

QUARANTA, Domenico. **In Your Computer**. Brescia: Link Editions, 2010.

_____. Situating Post Internet, 2015, Disponível em: <https://domenicoquaranta.com/words.html>. Acesso em: 7 out. 2023.

SCHENKEL, Camila. Em quarentena: apontamentos sobre educação em museus em tempos de pandemia. **Porto Arte Revista de Artes Visuais**, v.5, n.43. p.1-14, Jan/jun, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/issue/view/4211>. Acesso em: 7 out. 2023.

POLIDORO, M.; TEDESCO, E.. In: Os dias em que as corujas caíram do céu. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/verter/corujas/catalogo.pdf>. Acesso em: 7 out. 2023.

VEIGA, Pedro Alves da. **O Museu de tudo em qualquer parte**: arte e cultura digital inter-ferir e curar. Coimbra: Gracio, Coleção Humanitas, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://ciac.pt/publicacoes/colecao-humanitas/o-museu-de-tudo-em-qualquer-parte-arte-e-cultura-digital-inter-ferir-e-curar/12038>. Acesso em: 7 out. 2023.